

Património e espectáculo

A Utopia

"A construção e reparação dos edifícios exige, por todo o lado, um trabalho contínuo, em virtude de os herdeiros descuidados deixarem arruinar, pouca a pouco, a casa que o pai construiu. Assim, o que este edificara com custo e grande despesa tem de ser construído de novo, com grandes gastos. Muitas vezes acontece também que a casa que ao pai custou rios de dinheiro é desprezada pelo gosto exigente e caprichoso do herdeiro. Posta de parte e dentro em pouco em ruínas, o herdeiro construirá outra, noutra local, com igual dispêndio.

Na Utopia, no entanto, tudo está tão bem organizado e a comunidade tão bem governada que raramente acontece que tenham que voltar a escolher outro local para nova construção. Encontram remédio rápido e fácil para as deteriorações presentes, prevendo mesmo as possíveis. Deste modo conservam os edifícios com pouco trabalho e pouca despesa, dando-lhes grande duração; de tal modo que os operários especializados neste trabalho quase não têm que fazer, ocupando-se em aparelhar a madeira e a pedra, para que, quando for necessário fazer alguma construção, a obra se faça rapidamente.¹¹

Assim escreveu Thomas More em 1516, imortalizado desta maneira na mais famosa das suas obras, Rafael Hitlodeu – que curiosamente era português – e descreve a More a sociedade perfeita que descobrira viajando com Vespúcio, ao serviço de D. Manuel I.

Ao abordar o tema "património" e "cultura" não posso deixar de reflectir profundamente sobre a actualidade deste texto escrito há quatrocentos e noventa e um anos. Será



Thomas More



Escola Portuguesa de Arte Equestre

que nada mudou em quase 500 anos? As mesmas preocupações com a conservação do património, a mesma visão sobre manutenção do edificado e a mesma terminologia técnica que hoje utilizamos.

Escolhi este número para fazer um ponto de reflexão. Será que vivemos hoje a utopia da reabilitação quando por exemplo escrevemos artigos como este na *Pedra & Cal*?

Parece não haver hoje mais interessados por este assunto do que há quinhentos anos atrás, ou se considerarmos outras utopias mais antigas, quantas pessoas tinham estas preocupações à época da *Republica* (utópica) de Platão ou da (utópica) *Cidade de Deus* de Tomás de Aquino? As mesmíssimas que hoje se debruçam sobre a problemática da reabilitação do património construído, essa grande utopia.

Tal como Sir Thomas More, flutuamos hoje na definição do conceito (pelo menos no que toca às intervenções no património) entre a utopia do grego "não lugar, lugar que não existe" e a utopia como modelo alternativo viável e desejável. A depreciação corrente do termo surge posteriormente da interpretação quadrada do pensamento pseudo pragmático na nossa era.

Acabo com uma nota de optimismo e uma recomendação. Optimismo porque as novas gerações parecem mais predispostas a entender e conservar a sua História e Cultura através de modelos económicos sustentáveis, ainda que aplicados a uma matriz moderna de gestão de património. A recomendação vai para o site da Escola Portuguesa de Arte Equestre em <http://cavalonet.com/epae/> que, instalada no Palácio Nacional de Queluz, se apresenta numa graciosa simbiose de Espectáculo com Património cultural, histórico e arquitetónico.

Quanto ao resto, valha-nos S. Thomas More (www.luminarium.org/renlit/morebio.htm) declarado "O patrono celeste dos Estadistas e Políticos" pelo Papa João Paulo II. Se o santo padroeiro não operar um milagre de sensibilização da classe dirigente, só nos resta, como recentemente ouvi um amigo dizer, "ter esperança na iniciativa individual".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

⁽¹⁾ Thomas More. Utopia. 1516

ANTÓNIO PEREIRA COUTINHO,
Arquitecto